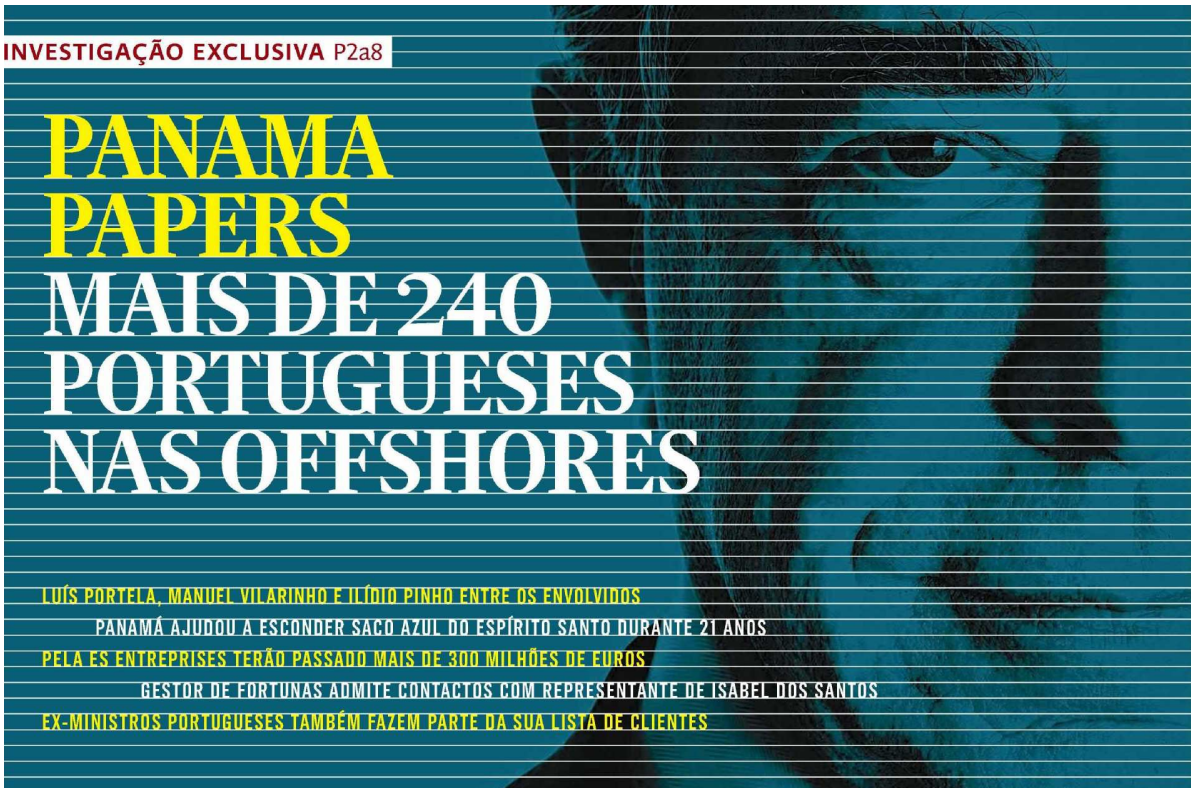
manchete

Expresso	**Periodicidade:**	Semanal	**Temática:**	Economia
	Classe:	Informacão Geral	**Dimensão:**	2980
09-04-2016	**Âmbito:**	Nacional	**Imagem:**	S/Cor
	Tiragem:	131300	**Página (s):**	1/2/3



INVESTIGAÇÃO EXCLUSIVA P2a8

PANAMA PAPERS MAIS DE 240 PORTUGUESES NAS OFFSHORES

LUÍS PORTELA, MANUEL VILARINHO E ILÍDIO PINHO ENTRE OS ENVOLVIDOS

PANAMÁ AJUDOU A ESCONDER SACO AZUL DO ESPÍRITO SANTO DURANTE 21 ANOS

PELA ES ENTREPRISES TERÃO PASSADO MAIS DE 300 MILHÕES DE EUROS

GESTOR DE FORTUNAS ADMITE CONTACTOS COM REPRESENTANTE DE ISABEL DOS SANTOS

EX-MINISTROS PORTUGUESES TAMBÉM FAZEM PARTE DA SUA LISTA DE CLIENTES

manchete

Expresso	Periodicidade: Semanal	Temática: Economia
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 2980
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
09-04-2016	Tiragem: 131300	Página (s): 1/2/3

Investigação Os ficheiros da Mossack Fonseca mostram como os paraísos fiscais fazem ou fizeram parte da vida de muitos portugueses. Começaremos agora a saber quem são

MAIS DE 240 PORTUGUESES NAS *OFFSHORES* DO PANAMÁ

Texto **MICAEL PEREIRA** EXPRESSO e **RUI ARAÚJO** TVI
Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação (ICIJ)

A investigação "Panama Papers" já permitiu identificar mais de 240 cidadãos portugueses ou com residência em Portugal envolvidos em sociedades *offshore* criadas pela empresa Mossack Fonseca. Os dados a que o Expresso teve acesso, como parceiro do Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação, revelam diversos tipos de ligação dos portugueses às *offshores* criadas a partir do Panamá, desde a propriedade efetiva das empresas ao seu controlo indireto, passando pela mera intermediação de negócios.

Muitos dos nomes da base de dados estão associados a empresas *offshore* entretanto encerradas. Recorde-se que aquela que é uma das maiores fugas de informação de sempre recolheu elementos de toda a história da Mossack Fonseca, desde 1977. Mas são também muitos os nomes associados a *offshores* ainda ativas, que não se confinam à jurisdição do Panamá. Há sociedades que têm ou tiveram a sua sede nas Ilhas Virgens, Bahamas, Chipre, Samoa e a ilha Niue, no Pacífico, entre outros paraísos fiscais.

Os dados recolhidos nesta investigação estão longe de refletir todo o universo de sociedades *offshore* com portugueses envolvidos, uma vez que a informação contempla somente clientes, intermediários e representantes que trabalharam com a Mossack Fonseca. Mas entre os

manchete

Expresso	Periodicidade: Semanal	Temática: Economia
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 2980
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
09-04-2016	Tiragem: 131300	Página (s): 1/2/3

mais de 11 milhões de ficheiros que o Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação (ICIJ na sigla em inglês) obteve, existem diversos intervenientes com passaporte ou cartão de cidadão português, o que inclui não só pessoas nascidas em Portugal mas também estrangeiros imigrados no país.

E quem são? O que fazem? Por que motivo têm, criaram ou participaram em sociedades *offshore*? Não há uma resposta única para estas questões. Da lista fazem parte advogados (é possível identificar pelo menos 13 escritórios), gestores de ativos e empresários, principalmente ligados ao imobiliário e empresas de comércio internacional. E ficamos a saber que no mundo das *offshores* do Panamá há um forte envolvimento de gestores de topo do Grupo Espírito Santo. O dono da farmacêutica portuguesa Bial, Luís Portela, também lá está.

Entre os quase 90 intermediários ou assessores portugueses que já estiveram envolvidos em transações que passaram pela Mossack Fonseca estão firmas como a Abreu Advogados, mas também empresas especializadas na gestão de participações e em planeamento fiscal, como a FTA Consulting, de Lisboa, a TPM Tax Planning Management, do Funchal, a insolvente Tallantyre Consultants, de Cascais, e a já extinta Startrade Management, da zona franca da Madeira.

A informação relativa a estes intermediários indica que há casos muitos diversos na base de dados dos "Panama Papers". Dos registos que o Expresso já conseguiu analisar, relativos à Mossack Fonseca, há 43 *offshores* ainda ativas que tiveram intermediários portugueses. Essas empresas estão registadas sobretudo no Panamá e nas Ilhas Virgens britânicas. Mas há dezenas de outras *offshores* que foram criadas e entretanto encerradas. O registo mais antigo de criação de uma *offshore* com intermediário português na base de dados da Mossack Fonseca data de abril de 1979. Trata-se da Palimpsest Inc (incorporada no Panamá) e está associada a uma morada no Estoril. Foi encerrada já em 2003. Mas há casos bem mais recentes, como a Faircross Limited, uma *offshore* nas Ilhas Virgens britânicas que surge associada à Interunion — Serviços Internacionais, uma empresa com sede no Funchal que fatura anualmente em torno de €200 mil, segundo os dados consultados pelo Expresso.

Entre os envolvidos há diversos tipos de relacionamento com as *offshores*: acionistas diretos dessas sociedades, donos por via indireta, representantes legais ou meros pontos de contacto com os beneficiários finais. Da lista fazem parte um ourives do Porto, donos de empreendimentos turísticos do Algarve (que o Expresso ainda está a investigar), um empresário ligado ao futebol, entre muitos outros.

Com MIGUEL PRADO E RAQUEL ALBUQUERQUE
mprado@expresso.impresa.pt

manchete

Expresso	Periodicidade: Semanal	Temática: Economia
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 2980
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
09-04-2016	Tiragem: 131300	Página (s): 1/2/3

OFFSHORES DA MOSSACK FONSECA ESTÃO NO PANAMÁ, ILHAS VIRGENS, BAHAMAS E ATÉ NA ILHA NIUE, NO PACÍFICO
LUÍS PORTELA: "EM QUESTÕES FISCAIS, QUER EU QUER A BIAL CUMPRIMOS ESCRUPULOSAMENTE OS PRECEITOS"

ÍNDICE

OS PORTUGUESES
Mais de 240 portugueses nas *offshores* do Panamá P2

OS ESPÍRITOS SANTOS
Saco azul foi mantido em segredo mais de vinte anos P4

O GESTOR DE FORTUNAS
Gestor de fortunas no Luxemburgo admitiu ter como clientes ex-ministros portugueses P6

O CHOQUE GLOBAL
As réplicas da divulgação dos "Panama Papers" fazem-se sentir por todo o globo, de Pequim a Reiquiavique P8

OPINIÃO
Primeiro Caderno
Miguel Sousa Tavares P13
Miguel Monjardino P37
Daniel Oliveira P43
Henrique Monteiro P48

Revista
Clara Ferreira Alves R3

Economia
Manuela Ferreira Leite E1
Nicolau Santos E5
Luís Marques E6
Luís Duque E8
Sandro Mendonça E8

Dono da Bial criou offshore em 2004

O presidente não-executivo da Bial, Luís Portela, é um dos empresários que recorreram a *offshores* criadas pela empresa Mossack Fonseca. O dono da maior farmacêutica portuguesa surge associado à Grandison International Group Corp, uma *offshore* no Panamá na qual Luís Portela assumiu direitos de procuração em 2004, com o poder de movimentar dinheiro e ativos na conta bancária que lhe estava associada. Segundo a documentação dos "Panama Papers", Luís Portela controlava aquela *offshore* de forma indireta. A empresa terá entretanto sido encerrada. O empresário não quis entrar em pormenores sobre este assunto, mas lembrou que a própria Bial tem presença no Panamá. "A Bial tem uma filial no Panamá, a partir de onde coordenamos a nossa atividade nos diferentes países da América Central onde operamos. É um negócio que se tem vindo a desenvolver ao longo dos anos. No que diz respeito a questões fiscais, devo dizer-lhe que quer eu quer a Bial cumprimos escrupulosamente os preceitos aplicáveis", respondeu Luís Portela ao Expresso. Já depois da aquisição da Grandison International Group por Luís Portela, cujo objetivo o empresário não esclareceu, a Bial veio a criar no Panamá a Bial América Latina SA, constituída em 2009 com o apoio do escritório de advogados Silvera, Lezcano & Associates. Desde então a farmacêutica portuguesa tem intensificado a sua ligação ao país da América Central. Em setembro de 2015 o ministro panamiano da Saúde, Javier Terrientes, esteve na sede da companhia, na Trofa. **M.P.**

Vilarinho: ter offshore não é crime

"Já estava à espera que me ligassem". Manuel Vilarinho atende o telemóvel e graceja com o assunto. "Pois é claro que o meu nome aparece nos Papéis do Panamá. Eu sei que estou lá, sabe o Ministério Público, e sabe o país todo". Ri-se. O antigo presidente do Benfica (2000 a 2003) diz que teve uma *offshore* mas que "isso não é crime". Constituiu-a porque "cometeu um pecado que está no DCIAP" por causa "de um problema grave" que teve com o Banco Espírito Santo. "Paguei a bula, como na sexta-feira santa, para poder comer carne ao domingo. Não

A ABREU ADVOGADOS GARANTE QUE "CUMPRE ESCRUPULOSAMENTE TODOS OS PROCEDIMENTOS LEGAIS"
DE UM OURIVES DO PORTO A EMPRESÁRIOS DO ALGARVE, SÃO DIVERSAS AS LIGAÇÕES PORTUGUESAS ÀS OFFSHORES

manchete

Expresso	Periodicidade: Semanal	Temática: Economia
	Classe: Informacão Geral	Dimensão: 2980
	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
09-04-2016	Tiragem: 131300	Página (s): 1/2/3

"É CLARO QUE O MEU NOME APARECE NOS PAPÉIS DO PANAMÁ. O MINISTÉRIO PÚBLICO SABE", DIZ MANUEL VILARINHO

ILÍDIO PINHO NEGA AS *OFFSHORES* QUE A MOSSACK LHE ATRIBUI. "ABSOLUTAMENTE ZERO!", DIZ O EMPRESÁRIO

tenho rabos de palha e sou um cidadão cumpridor. Já paguei tudo o que devia". Manuel Lino Rodrigues Vilarinho, de seu nome completo, surge nos "Panama Papers" como beneficiário de uma *offshore* chamada Soyland Limited Liability Company. A Soyland tem sede no estado do Nevada, nos Estados Unidos. Nos documentos a que o Expresso teve acesso, há uma troca de *e-mails* entre Vilarinho e a sociedade de advogados Mossack Fonseca. Neles há certificados de incumbência e o montante pago pelo empresário português pelos mesmos. Há, ainda, um anexo com uma notícia de um jornal português, de 2012 — nesse artigo, Manuel Vilarinho aparece associado ao 'Monte Branco', a operação que investiga crimes de branqueamento de capitais e de fraude fiscal. Às tantas, a Mossack Fonseca pede desculpa e pergunta ao antigo dirigente do Benfica o que é o 'Monte Branco', porque segue uma política de avaliação de clientes. P.C.

Ilídio Pinho no Panamá em 2006

Criou Ilídio Pinho alguma *offshore* no Panamá para si ou para o seu grupo empresarial? "Não, de todo! Absolutamente zero!", respondeu o empresário por telefone ao Expresso. No entanto, os documentos que resultaram da fuga de informação da Mossack Fonseca mostram que Ilídio Pinho e um conjunto de pessoas que com ele trabalha há vários anos estiveram associados a empresas *offshore*. Os dados dos "Panama Papers" revelam que em 2006 Ilídio Pinho e mais oito pessoas obtiveram "luz verde" para abrir e fechar contas da empresa IPC Management Inc, ligada ao veículo *offshore* Stardec Investments SA, do Panamá. "Não tenho rigorosamente nada que ver com isso", contesta Ilídio Pinho, cujo grupo (IP Holding) é o maior acionista da Fomentinvest (empresa da qual Pedro Passos Coelho foi administrador). "Cumprimos rigorosamente as nossas obrigações fiscais", assegura ainda o empresário, sublinhando o papel que a fundação com o seu nome tem tido no apoio a projetos científicos em Portugal. Ilídio Pinho, que doou cerca de €50 milhões do seu património para a criação dessa fundação, é também um dos membros do Conselho Geral e de Supervisão da EDP. O também fundador do grupo Colep foi, entre outras funções, administrador não-executivo do BES entre 2000 e 2005. M.P.

Abreu Advogados também na lista

A Abreu Advogados é uma das sociedades identificadas na lista de intermediários que participaram em operações ligadas a empresas *offshore* que eram clientes da Mossack Fonseca. Ao que o Expresso apurou, um dos

advogados da Abreu surge na base de dados da Mossack como contacto de referência para a *offshore* MCM Trading, criada em julho de 2010 e desativada em outubro de 2011. Nos registos da investigação "Panama Papers" é citado o nome de André Gouveia e Silva, advogado da Abreu especializado em Direito Comercial, Fiscal, Imobiliário e do Trabalho. O Expresso tentou obter esclarecimentos da Abreu sobre a sua ligação à referida MCM Trading. Fonte oficial do escritório de advogados invocou "limitações de sigilo profissional" e não entrou em pormenores, respondendo apenas que "a Abreu Advogados cumpre escrupulosamente todos os procedimentos legais no aconselhamento aos seus clientes". Com escritórios em Lisboa, Porto e Madeira, a Abreu conta com 280 colaboradores. Entre os seus sócios está José Eduardo Martins e entre os seus consultores figura Luís Marques Mendes. A Abreu garante que "age de modo socialmente responsável", defendendo que a sua atividade "deve ser conduzida com transparência, proporcionando aos clientes serviços jurídicos em conformidade com os mais elevados padrões éticos". M.P.

PELA ZONA FRANCA DA MADEIRA PASSAM MUITOS DOS NEGÓCIOS QUE CONSTAM DA LISTA DA MOSSACK FONSECA

A MAIS ANTIGA *OFFSHORE* DE ORIGEM PORTUGUESA NOS REGISTOS DA MOSSACK DATA DE 1979